



Antíteses

ISSN: 1984-3356

hramirez1967@yahoo.com

Universidade Estadual de Londrina

Brasil

Fiúza, Alexandre Felipe; Duarte, Geni Rosa
Licks e sua parceria com Lavechia à guisa de introdução
Antíteses, vol. 6, núm. 11, enero-junio, 2013, pp. 288-332
Universidade Estadual de Londrina
Londrina, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193327933015>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Depoimento

Testimony

Licks e sua parceria com Lavechia: à guisa de introdução

Alexandre Felipe Fiúza ¹

Geni Rosa Duarte ²

... em los momentos decisivos, la memoria siempre se remonta a los orígenes,
incluso remotos, de la vivencia en que uno se encuentra sumergido.
Jorge Semprún, Autobiografía de Federico Sánchez

Um dos autores deste texto, Alexandre Fiuza, participava em 2005 das Segundas Jornadas de História e Integración Cultural del Cono Sur, em Concepción del Uruguay, Argentina, e apresentava uma comunicação oral referindo-se aos exilados da Embaixada no Chile após o golpe de 1973. Ao afirmar que havia uma dezena de pessoas na embaixada, foi corrigido por uma uruguaia, a historiadora Cristina Porta, que estava na plateia: não eram dezenas, disse ela, mas centenas de pessoas que ali se exilaram. Revelando que também havia se exilado nesse período nesse mesmo local, acrescentou que ali havia conhecido uma pessoa de quem tinha muita saudade. Não se recordava dos nomes das pessoas citadas na comunicação, e do amigo que nunca mais encontrara, lembrava apenas o apelido: Gaúcho. Então ficou tudo esclarecido: Gaúcho era José Rogério Licks, o autor do relato que

¹ Doutor em História pela UNESP, professor dos cursos de graduação e mestrado em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Email: alefiuza@terra.com.br.

² Doutora em História Social pela PUCSP, professora dos cursos de graduação e mestrado em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Email: geni.rosaduarte@gmail.com.

apresentamos a seguir. Depois disso, ele e Cristina retomaram o contato, e isso propiciou a aproximação dessas duas pessoas, depois de tantos anos.

Nesse sentido, o texto que apresentamos a seguir, escrito por José Rogério Licks retoma questões de sua vivência no exílio, mais especificamente quando esteve, com muitos outros companheiros, refugiado na embaixada argentina em Santiago, no Chile. A escrita do texto expressa a necessidade do autor de remontar a origens de sua experiência, procurando nexos, presentificando as experiências e trazendo à tona personagens e perspectivas com que esteve relacionado. E nessa direção, ganha corpo sua relação com um velho militante também exilado no Chile, José Lavechia.

Nossa aproximação mais efetiva de José Rogério Licks se deu através da pesquisa que desenvolvemos sobre as experiências de músicos que se exilaram durante os períodos de ditadura que a América Latina conheceu, desde os anos 1960. Queremos acompanhar não apenas as lembranças, muitas vezes dolorosas, das partidas, das quebras e das perdas, mas também das construções de novos caminhos, de encontros que se processaram, de mudanças e transformações que esses músicos vivenciaram. A realização dessas entrevistas tem permitido o desenrolar dos fios de muitas memórias, e essas lembranças se entrecruzam, permitindo novas tessituras, novos desenhos. Não são recordações ausentes de sofrimento. Lembrar é reviver situações de alegria e outras igualmente dramáticas. Rememorar é também tornar a experienciar e isso nem sempre é fácil. Muitas vivências trazem uma carga tão dolorosa de recordações que às vezes obrigam ao silenciamento.

Mesmo referindo-se a vivências grupais, quem recorda é o indivíduo. Para Alessandro Portelli, “a História Oral é uma ciência e arte do indivíduo”, uma vez que ela traz à tona as memórias, e nesse sentido, embora moldadas muitas vezes pelo meio social “o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais”. Ou seja, embora a memória seja social, ela somente se torna concreta quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas (PORTELLI, 1997, p. 15-16). Da singularidade das experiências, tanto quanto da singularidade das narrativas, forma-se o alicerce que sustenta uma perspectiva historiográfica que se recusa a olhar os indivíduos como meros números ou dados. E como Portelli, não temos nenhuma dúvida ao afirmar que as narrativas constituem fontes de conhecimento tão ricas que superam mesmo qualquer mera tabulação de dados estatísticos.

Se por um lado a história de Licks representa a trajetória de muitos exilados, por outro, inúmeras particularidades de seu caso indicam diferentes estratégias e vivências na militância. Licks é um músico que embora conhecesse e executasse canções mais engajadas, cultivou o gosto e o interesse pela música instrumental, pela experimentação, pela criação de novas sonoridades, o apreço pela canção folclórica, pela invenção de instrumentos musicais. Essa versatilidade musical gerou frutos e lhe permitiu conhecer diferentes possibilidades artísticas, e em decorrência sua trajetória política também reproduziu sua relação diferenciada com a militância. Por exemplo, se a fruição pela literatura e pela poesia

era recorrente na vida de parte significativa da militância política mais intelectualizada, Licks se destacou pela maneira como lidou com estas expressões literárias, não apenas na criação musical, como em sua vivência política. Apesar de sua formação militar, não optou pela luta armada. Embora sua estreita vinculação com grupos armados, o mantivesse neste círculo de exilados. Colocou sua canção a serviço de estruturas de denúncia criadas na Europa e ainda durante o exílio no Chile e na Argentina.

A decisão de sair do Brasil foi tomada quando Licks foi preso numa passeata em Porto Alegre, e na prisão encontrou um conhecido inconsciente com marcas de tortura. Todavia, antes de passar a fronteira, desenvolveu um exílio interno, percorrendo parte significativa do território nacional. Isso lhe permitiu o conhecimento do Brasil interior, indispensável, segundo ele, para viver em terra estranha. Entrou em contato com muitas pessoas, algumas que o receberam em suas casas, outras que lhe trouxeram poesias para serem musicalizadas. Foi desenvolvendo, nesse trajeto, um sentido de compartilhamento essencial para estabelecer laços no Chile posteriormente, ao contrário de muitos brasileiros, que viviam em terra estranha apenas com a perspectiva do regresso, e de um regresso que não tinha condições de ser imediato.

Ele tem plena consciência dessa circularidade entre o individual e o coletivo. Num depoimento por email a Alexandre Fiúza, referindo-se ao tempo vivido após o golpe de 1973, Licks elabora os aspectos dessa vivência, quando assim se expressa: “Me vem a impressão que na Embaixada vínhamos todos de um grande naufrágio, estávamos em uma espécie de arca do dilúvio. E apesar de todos os problemas, vivíamos uma magia muito especial, que era a magia do encontro de seres tão diferentes, sem perspectivas, mas que redescobriam o milagre de ter companheiros. Era nossa tábua de salvação” (05/11/2001). Ele entende, com toda clareza, a importância do compartilhamento da experiência do exílio, muito mais dolorosa se vivida isoladamente. Mas cada um vive de forma diferente essa situação. Usando a simbologia da arca, cada um torna-se aquilo que na história bíblica era representada por um casal de animais: um olha de baixo, outro olha de cima ou para cima, um se equilibra, outro se deita...

Trazer essa singularidade é o ofício do memorialista. E é nesse sentido que podemos afirmar, sem qualquer dúvida, de que Licks é um grande memorialista. No relato que apresentamos a seguir, ele se recorda das múltiplas sensações que esse passado evoca. Transita pelos diferentes tempos, mergulha neles a partir das citações que ele faz, tanto dos autores que lê quanto dos seus próprios poemas/letras de canções, presentificando e conferindo sentidos aos fatos e às emoções rememoradas. Nesse movimento, ao ser trazido para o presente, o passado é recriado e projetado no futuro, e “dessa capacidade da memória brota a consciência que nós, humanos, temos do tempo”, nas palavras de Janaína Amado (1996, p. 132). Por isso nessas memórias pulsa um sentido de passado como de algo que não ficou perdido, ou superado, mas que relampeja num momento de perigo, como sugere

Benjamin. E seguindo Benjamin, Licks se dá a tarefa de despertar mortos, como Lavechia, convencido de que “também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer”. Considerando sempre que esse inimigo “não tem cessado de vencer” (1993, p. 224-225).

As entrevistas que realizamos com Licks revelam o poeta, o memorialista, uma pessoa que observou a realidade vivida de maneira muito sensível. E ele deixa transparecer isso também nas suas composições. Produziu um disco musicando poesias de Mário Quintana, e nele, as filigranas deste grande poeta encontram ressonância no músico. Por outro lado, no CD Concerto do exílio, ele fala do pai que, na embaixada onde se refugiara, improvisava uma fralda para seu bebê em cima no negro piano de cauda, da menininha que apelava para que não lhe levassem também a mãe, da experiência de fuga ao cruzar a cordilheira. Nas entrevistas, ele se emocionou, cantou, reviveu as situações. E uma das lembranças fortes que povoam sua cabeça é justamente a do sapateiro Lavechia.

Durante o asilo que muitos brasileiros e outros latino-americanos viveram nas embaixadas em Santiago, quando do golpe militar no Chile, em 1973, Licks teve muita sensibilidade ao observar as pessoas com quem conviveu. Esta mesma preocupação em revelar a trajetória de Lavechia perpetrada por Licks encontrou ressonância no belo trabalho de Célia Barros, intitulado *Lavechia*, um sapateiro contra a ditadura. Nesta obra, a autora reconstrói a trajetória deste homem que foi preso pela ditadura já com 51 anos, idade bem superior à média dos presos políticos. Se o depoimento e o texto memorialístico de Licks revelam a trajetória de Lavechia no exílio chileno, a obra de Célia Barros abarca a militância junto à Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), ao lado de Carlos Lamarca; sua prisão, sua liberdade após o sequestro do embaixador alemão Von Holleben e sua vida no exílio. A obra também refaz caminhos para entender a morte de Lavechia, quando de sua tentativa de voltar ao Brasil.

Segundo a pesquisa monumental empreendida por Aluizio Palmar, Lavechia fazia parte de um grupo atraído para ações a partir de Foz do Iguaçu por um ex-militante cooptado pelas forças policiais. Portanto, alguém que tombou vivendo uma utopia, que o exílio e o dilaceramento dos laços familiares e de amizade não conseguiram eliminar.

Herói ou apenas vítima de uma guerra de proporções que ele, provavelmente, nunca imaginou, José Lavechia ainda acreditava no sonho socialista quando tombou no Parque do Iguaçu, na emboscada perpetrada pela repressão. E se for verdade que esboçou uma última tentativa de reação ao ataque de seus algozes, então terá morrido em combate, única forma de abandonar a luta por ele concebida nos tempos de exílio, conforme confienciava aos companheiros de militância.” (BARROS, 2010, p.199).

Os detalhes dessa última ação de Lavechia ainda não foram suficientemente esclarecidos, embora os indícios do massacre sejam bastante significativos. Os corpos dos militantes mortos ainda não foram encontrados.

Há que se acrescentar que saindo do Chile, Licks e outros brasileiros (Raul Ellwanger, Leopoldo Paulino, Eliana Lorentz Chaves, ou Nana Chaves, Zeca Leal, José Luís Sabóia, Edu e Márcia Savaget Fiani,) dirigidos pelo teatrólogo Augusto Boal, formaram o grupo Caldo de Cana que apresentou em Buenos Aires o espetáculo *Canción del Exílio*. A união desses músicos possibilitou a eles condições para sobrevivência econômica, mas a prisão de um dos brasileiros a eles ligado, por agentes “falando português”, como acentuou Fiúza em sua tese de doutoramento, além da ação em território argentino da DINA (Dirección de Inteligencia Nacional), a polícia secreta chilena, também passou a fazer incursões pela Argentina em busca dos integrantes chilenos do Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR) e de seus aliados. Isso dispersou o grupo, fazendo com que alguns partissem para a Europa, onde continuaram a se apresentar denunciando os desmandos das ditaduras latino-americanas.

Licks vive hoje na Alemanha, onde ganha a vida como músico.

Referências bibliográficas:

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, imaginação e veracidade em história oral. *História*. São Paulo, nº 14, 1996.

BARROS, Célia. *Lavechia, um sapateiro contra a ditadura*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*, vol I: Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1993

FIUZA, Alexandre Felipe. Entre um samba e um fado: a censura e a repressão aos músicos no Brasil e em Portugal nas décadas de 1960 e 1970, (tese de doutoramento) São Paulo: UNESP, 2006.

Portelli, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre ética na história oral. *Projeto História*. São Paulo, vol 15, abril de 1977.

A noite na embaixada

(Minha parceria com José Lavechia)

José Rogério Licks

1

Na madrugada do dia 25 de outubro de 1973 o José Lavechia veio ao meu encontro,

com uma folha de papel velho na mão e uma expressão no olhar onde estava a noite passada em claro, que abria para outras noites de toda uma vida, e era como um abismo escuro, em que não dava para saber por onde se caía.

Mas talvez o abismo estivesse em mim, e o olhar dele talvez apenas fosse um espelho em que me olhei, ao emergir do subsolo da embaixada argentina, em Santiago do Chile, nas primeiras horas daquela quinta-feira. Que podia ser um domingo, ou qualquer outro dia, lá não fazia diferença.

Como de costume, eu havia estado na lavanderia da embaixada. Lá em baixo

- entre máquinas de lavar, um tanque de alvenaria, baldes e roupas penduradas para secar - nos reuníamos para entoar as canções da América. Canções que ainda há pouco anunciavam uma vida nova, e que lá fora ninguém mais cantaria. Um grande dilúvio havia calado as vozes, e a embaixada era uma arca para os sobreviventes, e na arca havia um porão, e lá nos revezávamos, dedilhando as cordas e cantando. Éramos tres músicos: um chileno, um uruguaio e um brasileiro. E os refugiados, amantes da música, ou que não podiam dormir e ficavam lá escutando. Como o José Lavechia.

Dormir? Sonhar, quem sabe...

Não era fácil, naquelas circunstâncias. Colchões só havia em número limitado, e eram estendidos no salão de festas, formando um leito coletivo, para os doentes, grávidas, velhinhos e famílias com crianças pequenas. E a maioria dos 700 refugiados tinha de improvisar. No meu caso, depois de várias tentativas, acabei encontrando uma certa estabilidade: varava as madrugadas na lavanderia e depois ia me deitar na ala San Martin,

no chão, sobre folhas de jornais, à sombra do piano de cauda, negro e aristocrático. Ali curtia meus pesadelos coloridos, verdadeiros curta-metragens com cenas de perseguição e catástrofes de todo tipo.

Num deles me vejo, olhando meu corpo jogado no chão, meio enrolado em jornais velhos manchados de sangue. Estou fora dele. Trato de reconhecê-lo, aperto as mãos, o peito, a carne, está tudo sem reações. Meu corpo aí no chão, sem calor e sem frio, incrivelmente vazio, sem alma, sem nada, sem sequer o mau cheiro dos defuntos. Me é dada a faculdade de entrar e sair nele, mas não ajuda. Meu corpo fica ali num canto, sem ser, tendo sido e a espera de ser outra vez, quando eu de novo o penetre, sangue adentro. Insisto, quero conseguir, antes que todo o sangue gele e seja tarde demais. Mas como? Penso, penso... Sim, terá que ser, como entrando pelos pulsos, sob a pele das mãos, como uma carícia que se faz num corpo de mulher que se ama, se vai subindo devagarinho, desde os pequenos pontos mais afastados, até penetrar, inundar tudo. E já me vejo levantando, sacudindo o pó das calças.

Puro engano. Me dou conta que estive pensando, especulando, sobre este corpo. E ele aí está na minha frente, jogado num canto. Sinto a pele arrepiar e um pressentimento toma conta de mim, não sinistro, não fúnebre, como uma consciência nova que vem vindo e que devo acolher.

Ao meu lado esta minha irmã mais jovem e peço a ela:

- Mana, por favor toma conta dele, eu agora não posso, tenho que ir.

2

Lavechia, dentro da embaixada, era o “Velho”. Com seus 54 anos e os cabelos brancos, tinha direito a um colchão. Mas ele não queria dormir. Explicava que havia inimigos ali, infiltrados entre os refugiados. E um deles só esperava um momento de descuido, para matá-lo. Por isto, costumava juntar duas cadeiras, onde deitava e cochilava um pouco, quando tudo parecia sob controle. Evitava, porém, o sono mais prolongado, molhando o rosto com a água de uma garrafa que colocava ao lado, durante a noite. E sempre levava consigo um pedaço de pau, para sua defesa pessoal, em caso de ataque.

Seriam os fantasmas produzidos pela vida na clandestinidade, na prisão, fugindo de um lado a outro, lutando por um sonho, acossado e solitário?

Não seria a única pessoa com sintomas paranóicos, esquizofrênicos ou outros tipos de desordens mentais, naqueles dias de embaixada, eu inclusive.

Dizem que o olhar é a janela que abre para a alma da pessoa. Mas como saber se eu estava olhando a alma dele, ou vendo por reflexo a minha própria alma, ou se ali se havia sintetizado

uma espécie de alma coletiva de todos os fugitivos que naquele palacete buscavam abrigo? Aquele olhar revelava os medos e as fantasias torturadas que procurávamos por todos os meios ocultar.

Seja como for, acolhi o papel que ele me entregou naquele momento, com as seguintes palavras:

- Gaúcho, escrevi uns versos, para você por música e cantar na penha da lavanderia.

Olhei o que ele havia escrito naquela folha meio rasgada, deslizei cansado e meio a contragosto pelo texto. Na minha mente, também tresnoitada, as idéias apenas se acendiam, muito lentas. Quando terminei de ler aquelas 21 linhas, fui assaltado por lembranças e pensamentos de todo tipo, que me confundiram por uns momentos e depois cederam lugar a uma pequena alegria, de menino, que acaba de descobrir algo muito especial.

Então, o velho guerrilheiro tem outro por dentro... Ele fica de olhos abertos no escuro, mas não é só prá vigiar seus demônios ou infiltrados de verdade, ele escreve canções. E de profissão ele é sapateiro... Então, o velho sapateiro veio me propor uma parceria musical...

Pouco depois, deitado sob o piano de cauda, lembrei os versos de um poeta mexicano:

Um homem de carne é um homem de sonho...

Sim, mas quando o sonho toma conta de tudo, a gente quer ser de carne. E se deixar diluir, como um torrão de qualquer coisa na água morna de um rio tranquilo, que nos leve onde bem entender, sem recordações, sem nada.

Agora sou um monte de ossos cansados, aturdido por mil e um pensamentos que se enredam uns nos outros, como num poço cheio de cobras.

Fico pensando em mim. E no parceiro recém-descoberto, na sua personalidade múltipla. Quem de nós dois sonha mais? Este refugiado sapateiro-guerrilheiro-poeta de cabelos brancos junta suas duas cadeiras ali naquele patamar, onde começa a escadaria de pedra que serpenteia até o subsolo, onde estão a cozinha e a lavanderia. Ali é o ponto mais estratégico, para ficar vigiando a embaixada inteira e se defender.

(A escadaria que eu desço todas as noites, me divertindo com a idéia de que sou a reencarnação do músico das priscas eras, que desceu ao reino dos mortos, para libertar a outra metade da sua alma, prisioneira das trevas.)

Ali por volta dos meus 10 anos eu colecionava canções do chamado *Candelabro italiano*, e assim aprendi algo dessa língua, o suficiente para pensar que Lavechia, traduzido, seria: a *velha*.

- Então, o *Velho...*, é a *Velha...*, falo comigo mesmo, debaixo do piano.

3

Na pequena cidade em que nasci, no sul do Brasil, descobri um dia o encanto do jogo de xadrez. Foi no limiar da adolescência e, de repente, passei a ser frequentador assíduo da casa de um militar aposentado, onde se reuniam outros aposentados, ao redor do tabuleiro. Eu jogava sem abrir a boca. Mas os velhinhos falavam pelos cotovelos, riam e se encantavam com a minha presença, comentando que eu também era um velho, pois não queria saber de jogar futebol com os da minha idade e ficava ali com eles até altas horas da noite.

Naquelas noites de xadrez aparecia de vez em quando um rapaz moreno, que namorava a filha do coronel.

Anos mais tarde, eu estava subindo as escadarias de um prédio sombrio de Porto Alegre. Tinha sido preso numa manifestação contra a ditadura, ficara dois dias num quartel e naquele momento estava sendo conduzido para o interrogatório, nas dependências do DOPS. Ia, como na *Moda da pinga*:

... de braço dado, com dois sordado...

Mas de repente, ao terminar um lance de escada, ali estava um rapaz, que eu conhecia da Casa do Estudante. Estava jogado, apoiado na parede, inconsciente, mas de olhos abertos e arregalados, com a cabeça enorme, cheia de galos e com sangue das pancadas recebidas.

Isso me fez despertar para o que estava por acontecer comigo, eu vinha distraído, meio sonhando, como sempre. Meus acompanhantes me permitiram olhar por uns momentos, depois me puxaram para um corredor, que conduzia às salas de interrogatório.

Foi quando apareceu, saído de uma das salas, o namorado da filha do coronel. Era o delegado Melgaré. Me viu e gritou assustado:

- Alemão, o que é que tu fez?!

Respondi que havia sido preso na passeata, sem dar nenhum detalhe. Melgaré me puxou para a sua sala sem perda de tempo, fechou a porta e começou a me fazer algumas perguntas e bater na sua máquina de escrever. Pouco depois fui liberado.

Obrigado, Melgaré.

4

Eu penso no meu parceiro. Quem de nós é o maior sonhador?

Aqui pouco se dorme e muito se sonha. Esta é a arca dos morto-vivos, boiando cansada na calmaria do velho mar do tempo. Cada um dos tripulantes desta nau tem por camarote seu próprio poço, com suas cobras. Cada um de nós é seu próprio Instituto Butantã invertido, com suas jararacas e corais. Elas nos mordem e o monstrengo anota no seu livro os interessantes efeitos.

O monstrengo do fim do mar desta noite. Que agora voeja, como uma imensa e aveludada borboleta negra, sobre a cabeça do Lavechia. E fica regendo este estranho concerto, no qual eu faço meu solo de piano.

Penso no meu parceiro. Ele está pendurado nas suas duas cadeiras e vigia, com olhos arregalados de arara noturna, com um sarrafo na mão, no encontro das correntes que vão nos arrastar, não sabemos para onde.

Que sonhos vêm agora - na água suja e estagnada destas horas - sonhar o Sapateiro? Estamos em pleno mar da grande noite... Dois infinitos aqui se estreitam num abraço insano.

5

Que lindo, o encontro das águas do rio Negro com o Amazonas. Como era bom nadar nos igarapés, de água fria e cor café.

Durante 25 dias estive pulando entre as docas Ver-o-peso, Paisandu, Pôrto do sal, Saba-Lusa e outras de Belém, atrás de uma embarcação que me levasse para qualquer lado, sem nada conseguir. Quando já estava desanimando, me aparece aquele bando de estudantes paraenses, que partiriam na noite seguinte pelo rio Amazonas, destino a Manaus. Era a tal de Operação Mauá. Eu ainda levava minha velha carteirinha de estudante de engenharia e eles me infiltraram clandestino no barco Lauro Sodré. Passei a viagem tocando violão no convés, para dormir pendurava minha rede no tombadilho, entre as mesas do bar. Um deles tinha o apelido de *Carcará*, e todos os dias me pedia para tocar aquela música: *carcará, pega mata e come...* De Manaus eles voltaram, eu fiquei por lá, mais tarde subi o rio Madeira, num regatão.

Naqueles dias o Luica vinha voltando de São Francisco, pelo rio. Só fiquei sabendo muito depois. Ele amava as águas. Na nossa infância saíamos de manhã cedo, remando, rio Caí acima. Íamos pescar, visitar as roças de melancia.

Porque o Luica teve que morrer naquela prisão imunda de Manaus? Ele nem era de esquerda...

Quanta gente havia, só querendo encontrar um jeito de sair daquele país. Para não ter que gastar os melhores anos da juventude debaixo de uma ditadura, com um esparadrapo na boca e um cassete vigiando a cabeça.

Um dia voltarão 12 famosos, serão festejados. Para a multidão dos pequenos desconhecidos não haverá volta.

Caminante, no hay camino

Se hace el camino al andar...

O Brasil que eu vivi está aqui comigo, no meu poço. Tem cobras sim, mas está cheio de grilos. Basta eu puxar um pela perna, e se desfiarão todas as estrelas que eu olhei cair, deitado na areia da praia. E os grilos cantarão, junto com os sapos-cururus, sabiás, bem-te-vis e carruíras, sob a regencia do fantasma do Villa-Lobos.

O capitão, que comandava aquele grupo, que me prendeu na manifestação, foi me xingando todo o trajeto, enquanto seus comandados me conduziam de braço torcido, até o

camburão. Ele se colava em mim e - olhando para os lados, para controlar se havia alguém observando – me desferia golpes rápidos e repetidos com seu cassete, procurando atingir meus testículos. Foram momentos muito divertidos, a julgar pelo seu sorriso. Ele usava óculos escuros e me deixou o interior da coxa inchada e azulada.

Nunca chamei de tortura esse tratamento – tão suave, comparado com outros que me dispensaram. Apenas uma certa grosseria, com a qual às vezes temos de conviver... Nem todos nasceram para, com sua varinha, conduzir um concerto da OSPA...

Antes disso, porém, na minha cidade, havia o capitão Rupiladeta, que comandava um batalhão local e era meu adversário na *arte de Caissa*: assim a gente chamava nosso jogo, inventado por um antigo sábio da Índia. Me apanhava aos domingos, para irmos ao clube de xadrez.. Era sempre no horário entre as santas missas e a galinhada, que nossa mãe preparava numa grande panela, misturando tudo e espetando um grande prego no arroz.

Segredos de mãe, mistérios ancestrais do eterno feminino...

6

Ela teve oito filhos, um morreu pequeno.

Quando o sol surgia ela escancarava as janelas. Um jacto de luz atravessava nosso quarto, exterminava meus sonhos maus e aprisionava no fluxo luminoso as pequenas partículas que emergiam dos nossos lençóis. Elas ficavam ali, se enroscando umas nas outras. Eram os restos da noite, os germens que o sol fecundava, o mistério da luz e da vida que eu assistia, quando ainda não sabia pensar. Fascinado, batia minhas mãos, as partículas começavam a dançar e eu gritava: *muti, muti...*

O espírito dos vales nunca se esgotará.

Ele é mulher, mãe das origens.

Sua porta de entrada é a raiz de céus e terra.

É como um véu muito fino, quase invisível.

Coloque esse véu. Ele nunca te falhará.

O homem dela era ferreiro. Ele fazia um fogo enorme e jogava uma peça alongada de metal dentro. Quando retirava, era uma rubra serpente incandescente que ele malhava e retorcia, envolvendo com ela a roda da carreta. Nossa mãe - barriguda - ajudava, segurando o meão. Depois o metal enrijecia, a cor ficava meio azulada.

Vinte e cinco raios se dividem no meão da roda:

do buraco no meio nasce sua serventia.

Vovô era carreteiro. Lá se ia ele de manhã cedo, fumando seu palheiro, as rodas chiando pelas estradas de terra dourada do Rio Grande.

Roda carreta, roda lá pro fim do mundo,

Roda que nós vamos junto...

Havia muitas encomendas para o melhor ferreiro do lugar. O fogo foi demais, nosso pai adoeceu do pulmão, deixou a profissão e foi para a cidade, abriu uma venda. Não foi feliz, não era seu mundo. Se refugiou nos livros: abria o armazém e começava a ler. Quando um freguês entrava, tinha primeiro que sofrer um maltrato, pois vinha estorvar a leitura. Lá do seu cantinho o pai puxava os óculos e resmungava:

- O que o senhor quer aqui?

Mas depois ia atender o freguês.

Que bom se eu fosse de carne quente e fofa, pudesse adormecer e assistir meus pesadelos coloridos, como se estivesse com 7 anos, assistindo os filmes de mocinho no cine Goio-En, na nossa cidadezinha.

Em casa nunca recebíamos dinheiro, não havia. Mas certo dia apareceu por ali um homem que trabalhava de pedreiro, numa construção da vizinhança, um tal de “Capitão”. Nos domingos ele se vestia melhor e ficava sentado na pracinha. Um pouco antes das duas da tarde eu disparava ao seu encontro e ficava ali, olhando ele, esperando. Ele se fazia de desentendido, mas depois enfiava a mão no bolso, lentamente, e de lá tirava uma moeda de 2 cruzeiros. Primeiro segurava a moeda no alto, na ponta dos dedos, e ela era uma lua cheia contra o céu azul. Depois me jogava a moeda pelo ar, respingada com o polegar, como se fosse uma bolinha de gude. E abria um grande sorriso sem dentes. Eu a apanhava, como quem pega um passarinho em pleno vôo, saía pulando e corria para o Goio-En. Dois cruzeiros custava a entrada para a matiné das 14 horas.

A tela abria, se escutava um galope de cavalos chegando perto e aparecia de repente *Durango Kid*, todo de negro, que fazia empinar e relinchar seu cavalo também negro, com as

rédeas na mão esquerda e na mão direita seu revólver prateado apontando para o céu e faiscando sob a lua cheia. Neste momento o cinema quase explodia, com a gurizada gritando, aplaudindo, assobiando, batendo nas cadeiras. E o mocinho disparava atrás dos bandidos.

No entanto, havia algo que me intrigava naqueles filmes. Estava sempre chovendo. Podia ser noite escura ou meio-dia, nos cantos da tela sempre chovia canivete. Eu me distraía olhando aquele aguaceiro, e acabava perdendo o enredo da história.

Gente fina, aquele “Capitão”.

Vocês que não dormem, nas noites soturnas,

Pressentem acaso, na solidão...

Não posso dormir, no meu poço. E o monstrengo, quando enche o saco de atormentar o Lavechia, vem me cutucar com sua vara, vem me acender as visões do tempo, para trás e para frente.

7

Mimi, porque não ficamos para sempre sem roupa, passeando nos bosques dos teus antepassados, comendo amoras e nos beijando ao lado dos ribeiros azuis?...

Lucho, *luthier* preguiçoso, quando fica pronta minha guitarra andina?

Ariel Gibransalt, meu guru chileno, onde andarás?

Califu e Xambica, que é de vocês?

Maya, companheira do teatro no *Bellas Artes*, que me ensinavas a entender o significado dos meus sonhos...

David, foram te pegar, na tua cabana de Riñaca? John - teu compatriota que cantava as canções do Woody Guthrie - desapareceu no golpe...

Omar, conseguiste escapar com os outros?

No dia 10 de setembro vocês deveriam inaugurar a nova fase do projeto, no La Moneda.

Sócrates e o socialismo cibernético... Onde estarão todos?

Que estejam todos dormindo profundamente.

Certa vez um grande compositor declarou:

- Que negócio é esse, de pátria amada? O meu país prende, mata, tortura. Existe dinheiro para importar armas, metralhadoras de todo tipo. E a dívida vai aumentando. Mas se eu preciso de piano, não há. Tenho que fazer amizade com o contrabandista, pra conseguir um.

Porque o CDE não diz pro SNI informar ao CSN:

Confidencial - Um inimigo transcendental, muito mais poderoso do que os rarefeitos subversivos, já lançou seu ataque. O dinheiro dos impostos está mixuruca, vão fazendo logo a abertura, caso contrário teremos que empenhar nossas medalhas.

O marechal já foi admitido na Academia Brasileira de Letras, devido ao seu poema:

Devem os agentes caçadores de gente

Ficar indigentes,

Agora que a caça ficou escassa?

Agora que não há subversivos para matar,

De que irão nossos heróis se alimentar?

Tenho um piano. Quem dera que o contrabandista o levasse, eu escondido no bojo.

Mas como era bom ter uma pátria amada idolatrada.

No dia 7 de setembro eu ia empertigado, com a camisa verde do ginásio São João Batista super bem passada, por aquele ferro de engomar que a mãe levantava a tampa e enchia de brasas. Depois, cantando nosso hino, um arrepio me subia dos pés à cabeça.

Como era bom ter nascido naquele país.

Auriverde pendão da minha terra

Que a brisa do Brasil beija e balança...

Como era bom declamar os poemas da *última flor do lácio*, antes que os ponteiros perfilados anunciassem a hora da ave-maria, na rádio ZYY8, lá no meu pago. Como era bom saber que meu sangue vinha de gente que havia varado os séculos, escapando entre os

continentes, para fugir da perseguição e da pobreza. E como justo premio eu havia nascido em berço esplendido, embalado para sempre pelo êxtase de ser filho de uma terra doce e verde, muito verde.

Tudo era verde, até os poemas mais escuros:

Pai João...

Cavou a terra.

Fez brotar do chão a esmeralda

Das folhas – café, cana, algodão.

O sangue de Pai João se sumiu no sangue bom,

A pele de Pai João ficou na ponta dos chicotes.

Agora meu sangue gelou.

Agora sou um banido.

A choça do destêrro é nua e fria...

Há uma noite agora...

Maldita noite.

- *Maldigo del alto cielo* - ela cantou, antes de se matar.

Maldigo Deus, já que o Diabo nunca existiu. Ou é invenção do outro. Que é invenção nossa.

Por que as plantas nascem com a cor verde? Por que verde é a cor da esperança? Por que agora, quando eu penso em verde, só me vem à mente um torturador com medalhas no peito, um brigadeiro jogando bombas sobre um presidente indefeso?

8

A aura da cor verde é vermelha... É a cópula da luz com a luz.

Os yogis ensinam desde milênios, que o universo está sempre nascendo, da cópula de Shiva com Shakti.

Os índios do Xingu contam que Mawutsinim, o Grande Espírito, triste de estar só, buscou uma concha do fundo das águas, transformou numa mulher, casou com ela e daí nasceram todas as coisas.

Tudo, em cada momento, é uma grande cópula.

É o casamento do céu com o inferno de Blake.

Maya explicou isso. E uma canção é a cópula da música com a letra.

(Meu número é o 7. Nasci no dia 25. A soma dos algarismos dá: $2 + 5 = 7$. Isso tem consequências irremediáveis, os antigos caldeus explicaram, milênios atrás. O sete vibra em harmonia com Netuno - o planeta do sonho. Agora estou com 25 anos. Dia do soldado também é 25. Mas agosto é o mês dos cachorros loucos, dizem lá no sul.)

O poema que o Sapateiro me deu para musicar está comichando no bolso esquerdo da minha camisa. Se chama: *Canção 25 de Outubro*.

Afinal, porque não? Somos tocaios, pode até dar uma dupla caipira: *Zé do Pinho & Zé do Fuzil*.

Aí vem o monstrengo de novo. Ele me sopra no ouvido:

- Não perde teu tempo com a loucura do guerrilheiro.

O tempo é invenção da *Velha*. Aqui, na casa dela, ele não passa, está dormindo. Cada um de nós está em seu poço, e em cada poço a *Velha* vai nos inventando.

9

Depois de ler o papel, olhei o Velho nos olhos. Ele me devolveu o olhar de um jeito que me deu vergonha de mim mesmo.

Eu queria chorar, para lavar a vergonha. Mas toda a água secou, agora sou só de osso.

Os olhos humildes do Velho me perguntaram se valia a pena musicar os versos dele. Naquele momento senti um tremor ao longo do corpo, mas não era meu. Era apenas um daqueles terremotos, tão leves que apenas conseguem mover os copos na mesa, bem menos que numa sessão espírita. Minha mente rolou para trás.

Me vi caminhando na noite de Santiago. Morava com outros, perto da *Estación Central*.

Era sábado, todos haviam saído, eu estava só, na fossa.

A cidade estava em festa, o Presidente havia furado o bloqueio, com a ajuda de Sócrates e sua equipe, breve ele iria fazer seu discurso nas Nações Unidas.

De alegria, todos estavam copulando. Ou pelo menos tomando um copo de vinho com os amigos.

Saí caminhando, sem motivo e sem destino. Andei, andei, lembrei, lembrei, chorei caminhando. Começou a chover, eu continuei. Quando a chuva parou, eu também parei. Não sabia onde estava, não importava. Estava ali, encostado numa grande lata de lixo, encharcado por fora e por dentro. Foi quando escutei um ruído e virei para olhar.

Era um vira-lata. Me olhava. Deu um passo na minha direção e estacou, pronto para escapar do ponta-pé. Olhei os olhos úmidos dele e li seus pensamentos: (Era um vira-lata magro e doente, que viera de longe, caminhando sem rumo na noite, debaixo da chuva.)

- Me leva contigo. Se quiseres, podemos ser companheiros. Faremos uma boa parceria.

Mas eu não quis. Como era humilde, o olhar daquele cão.

- Sapateiro, me leva contigo, quero ir pra guerra. Diz pro Capitão me passar um fuzil. Quero sentar com os companheiros no vale, sonhar ao redor do foguinho. Quero olhar as estrelas e sentir o anjo da revolução incendiar meu sangue.

- Você não serve prá guerrilheiro. É muito suave demais. E com essa magreza, nem consegue levantar o fuzil.

10

O fuzil pesa um bocado. Na coronha ele tem uma ferradura, como cavalo. E quando o tiro sai ele te dá um coice, te atira para trás.

Certa vez consegui uma façanha inédita, no CPOR. Estávamos fazendo tiro-ao-alvo, eu apontei aquele trambolho pesado para o barranco. Mirei bem na môsca, apertei o gatilho, deu aquele estrondo e caí de costas. Todo mundo olhou prá mim, o capitão veio correndo e eu me sentei no chão, olhando a fumacinha que saía do meu pé esquerdo: o tiro havia furado o coturno e passou raspando entre dois dedos.

Nunca ninguém conseguiu isto, que eu saiba.

Mas não me deram medalha.

Ó operários que serão fuzilados de madrugada,

Vocês precisam dormir.

Grilos do meu poço,

Vocês precisam dormir.

Ó grávidas da embaixada que esperam ver os filhos nascerem,

Vocês precisam dormir.

Deixem-nos dormir na arca da Velha.

Longe está o horizonte, ainda. Há só o pretume da noite. Vem subindo o sol do dia 25 - que acaba de entrar em Escorpião -, mas muito lento. Quando derem 7 horas ele inundará nossas almas apossadas e lavará toda a sujeira deste momento.

Mas, agora, tudo é imperscrutável. São as nossas mil e uma noites, uma embutida na outra, que perfazem esta grande noite. E bem lá no meio, no fundo de todas, estou eu, debaixo de um piano de cauda negro.

Falam mais alto, agora, todas as fontes borbulhantes.

E também a minha alma é uma fonte borbulhante.

Na minha família não havia militares. Mas servi à Pátria, no CPOR, onde conheci vários capitães. Eu já estudava engenharia e eles adoravam universitários desta área, onde havia menos subversivos. Eram jovens que sentavam horas nas suas mesas, com suas régua de calcular, capazes de projetar pontes e medir com precisão o vôo dos projetis.

Voltada a eles havia toda uma estratégia de aliciamento do exército, se oferecia a facilidade de seguir carreira, com muito bom ordenado. Com um pouco de camuflagem, não teria sido difícil escapar do serviço militar, com a desculpa dos pés chatos, ou coisa semelhante. No entanto, camuflei em sentido contrário. Queria conhecer meus algozes, por dentro.

Um outro motivo: me angustiava o fato de não saber andar a cavalo. Meus amigos do peito sabiam. E minha mãe contava histórias, em que eu a via cruzando as colônias, sobre seu cavalo.

Eu era um gaúcho que não sabia montar. Por isto, ao terminar o curso básico, solicitei minha saída da arma de engenharia e minha transferencia para a cavalaria. Os capitães caíram de costas, pois a cavalaria acolhia os piores, a ralé do CPOR. Tentaram me dissuadir: logo eu, da elite intelectual...

Aí eu camuflei:

- A excessiva atividade cerebral, em salas fechadas, na universidade e aqui, está comprometendo seriamente minha saúde. Os médicos me recomendam mais ar livre e atividade corporal.

De fato, meu rosto andava bastante pálido. E sempre fui esquelético. Eles assinaram a transferencia e fui aprender a andar a cavalo.

Aguntei até o fim o curso de cavalaria e no dia 25 de novembro recebi um diploma de aspirante-a-oficial, do Ministério da Guerra.

Aliás, em matéria de camuflagem, o exército foi uma grande escola para mim. Especialmente quando, pouco depois, parti para a minha grande marcha solitária, em que andei mais quilômetros do que a Coluna Prestes, pelos confins da nossa terra.

Andei pelo país inteiro, realizando uma pesquisa, visando esclarecer a questão: existe neste país outro tipo de gente, a não ser os militares e os subversivos? Eu calçava botas de cavalarião, vestia camisa e japona do exército. Apesar dos cabelos compridos e do violão,

quase sempre dava certo, quando ia batalhar a comida e mostrava minha reluzente carteirinha do CPOR.

Foi quando aprendi, onde se come bem. Nas casas de estudante só havia uma farinha integral, doada pelos norte-americanos. Mas como era boa a comida do cassino dos oficiais. Só os grandes mosteiros como o de São Bento no Rio, ou o de Salvador, podiam competir.

A última vez que botei meus pés num cassino de oficiais foi em Guajará-Mirim. Foi meio ingênuo, da minha parte. Queria entrar na Bolívia, fui ao consulado boliviano pedir visto de entrada. O consul falou que demorava, tinha que consultar La Paz, por telegrama.

No dia seguinte fui ao quartel da 6ª Cia. de Fronteira, ali sediado. Eles já sabiam dos meus planos de viagem, me detiveram e fiquei o dia inteiro no cassino de oficiais, esperando a vinda de um agente da Polícia Federal.

Presenciei uma cena, no tempo em que estive ali detido. Era de tardezinha, o expediente havia terminado, o cassino estava cheio de oficiais, em altos papos. Eu estava sentado num canto, no centro da sala havia um grande aparelho de televisão, apagado.

Entrou um capitão, conduzindo pelo braço um índio recém capturado. O índiozinho teria uns 12 anos, estava muito desajeitado nas roupas e sapatos que lhe haviam impingido, seu rosto estava angustiado. Para compensar, lhe haviam posto um picolé na mão.

Aquele capitão vinha muito sorridente, puxou o prisioneiro para o centro e anunciou em voz alta que iria fazer uma demonstração. Se fez silencio e a oficialidade fechou um semicírculo compacto ao redor, de frente para o televisor, apagado.

Então o capitão – com sinais e puxões - obrigou o indiozinho a fixar os olhos no aparelho, enquanto outro militar ia lá acender.

De repente se ouviu a voz forte de um animador de televisão. E dentro daquela caixa apareceu um homem, falando rápido e chamando o público, com gestos de mão. O indio apavorado deu um pulo para trás e ficou ali, com o corpo encurvado e tremendo, olhando hipnotizado aquela aparição, com os braços erguidos e na mão o picolé pingando.

Os oficiais saltaram para todos os lados, numa gargalhada coletiva.

Entre o exército e a igreja, prefiro o Exército da Salvação. Me deram uma sopa gostosa, quando estava faminto e doente, no Paraguai. Muito melhor do que a sopa da embaixada, com aquele pão que os tupamaros prepararam de madrugada, lá embaixo.

Eles contam suas histórias intermináveis, enquanto amassam o pão. E nós cantamos, na penha da lavanderia. É por este motivo, que o pão sai tão duro e amargo. Um deles, Moncada, menino de 18 anos, vai se suicidar. Ou ser suicidado.

Aí vem chegando o monstrengo, disfarçado de padre Alberto. Veio montar seu confessionário na minha frente. Como é enorme, descomunal, a batina do padre Alberto, ela envolve tudo. Esta noite... é a batina negra do padre Alberto.

A batina dele sempre me cheirou mal. Ele tinha uma grande pança, que o fazia caminhar devagar. Volta e meia saía, para recolher dinheiro e ia abençoando os contribuintes. Sua voz soava como se ele estivesse sempre comendo grandes porções de manteiga.

- Louvado seja Nosso Senhor! Como vão minhas ovelhinhas extraviadas?

Na missa, do púlpito, ele condenava os que não davam seu dinheiro para as obras intermináveis da igreja nova.

Um dia meu avô - que havia passado sua vida comprando bilhete da loteria - ganhou a Sorte Grande: um milhão de cruzeiros!

Vovô estava morando com a gente e no dia seguinte nossa casa ficou infestada de amigos e parentes, até então desconhecidos. Todos queriam um pedacinho do bilhete.

Porém, veio o padre Alberto e expulsou a todos, com um chicote. Depois virou para o vô e pediu - com sua voz de manteiga - o dinheiro da loteria. Para as obras da santa igreja.

O vô não deu. Mas a partir daquele dia recebíamos todas as manhãs aquela visita pegajosa.

E o padre escrevia mensagens. Uma delas eu guardei, do seu próprio punho:

- Este dinheiro não lhe pertence. Este dinheiro é de Deus. Se o senhor se negar a entregá-lo estará condenando sua alma, para toda a Eternidade.

Então nosso avô cedeu. Foi-lhe permitido ficar com um pouco. Foi usado para financiar seu internamento no hospício São Pedro.

Os sonhos do meu vô ficaram na ponta dos cabos elétricos. Aplicaram os choques e ele ficou manso, manso. *Noite escura, noite escura...*, ele cantou, em certo momento lá na infância.

Um pouco antes de morrer ele sonhou: estava dentro de uma imensa igreja, ela estava vazia, vazia. Fazia frio, frio, ele tremia.

Hu-hu-hu-hu...

Ecoa uma risada na escuridão, mais gutural que a risada do David Camargo.

Minha ovelhinha não quer confessar seu tormento...

negras asas.

Eu sei o que é, eu sei...

Ele não quer pôr a música naquela letra...

Não é o padre Alberto indo pro céu, eu sei. É o monstrengo que voou lá pro velho guerrilheiro. Que acaba de abrir de novo seu grande olho injetado, de arara noturna.

13

Vestido com seu reluzente uniforme - com muitas estrelas no ombro – o monstrengo foi conversar com Lavechia.

- Nós te internamos, para o tratamento, lá no nosso hospital de campanha. Te penduramos de cabeça para baixo, para que tua mente pudesse aprender a ver o mundo de um jeito mais saudável, deixando pingar os sonhos perniciosos, com teu sangue; teu cabelo branco ficou um pouco avermelhado. Depois aplicamos os fios elétricos, para te dar mais energia e afastar essa sonolência achacosa. Depois conversamos com você, pelo telefone, para a gente se entender melhor. Novos métodos, recém-descobertos, na terapia deste tipo de enfermidade... Quando você saiu de lá, estava curado. Tudo o que era mau havia sido

extirpado. Apenas havia ficado o essencial, esse grande olho de arara, que se abre na escuridão.

14

Também a pomba branca do espírito santo - que o Nica agarrava e enfiava no saco – abria um grande olho na escuridão. Foi perto do final, nós dois morávamos na ruína de uma casa, daquelas demolidas para construir o metrô de Santiago, nem muito longe do La Moneda.

Ele tinha experiência com ruínas, dos terremotos da Nicarágua. Procurou e encontrou uma boa e habitável.

Um dia me convidou, para ir morar no seu “apartamento”:

- Não paga aluguel e tem água corrente – me prometeu.

De fato, tinha uma torneira funcionando, na ruína vizinha. Quando nos instalamos eu cantei a *Saudosa maloca*.

- É música tua?, me perguntou.

Falei que era do Adoniran e ele quase pulou em cima de mim, com os olhos esbugalhados:

- Adoniram, o Grande Arquiteto do Universo!...

Mas isso eu não quero lembrar, aqui...

Foram meus últimos meses em Santiago, fui feliz. Não havia carne na cidade e nós sempre tínhamos.

Nica era um mestre da sobrevivência. Descobriu que, à tardinha, as pombinhas voltavam ao seu pombal. E o seu pombal era o fôrrô do telhado da nossa ruína. Subíamos lá, elas estavam dormindo, uma ao lado da outra. A luz da vela hipnotizava, elas não fugiam. Eu segurava a vela acesa e o Nica ia agarrando e enfiando no saco. Depois fazíamos um assado, com vinho tinto barato.

Em Santiago faltava de tudo, menos vinho tinto barato.

(Lá fora começou a chover. As gotas ricocheteam na grande porta de vidro, chicoteadas pelo vento. Tão bom escutar isso, saber que não são os tiros na parede, quando saíamos apressados, rumo ao novo esconderijo.)

De repente... ali está o Ariel, de pé, envolto num lençol branco, explicando ao Sapateiro a melhor maneira de se comportar, em caso de forte terremoto.

- Não vai me dizer que o Sapateiro conhece o Ariel..., falo comigo. Mas... Que eu saiba, o Ariel nem veio para cá.

Viro o corpo pro outro lado.

Ó sono! Ó noivo pálido das noites perfumosas...

Unge-me as pálpebras...

Entorna o esquecimento

Na luz do pensamento...

15

Um janeiro sufocante foi me encontrar num quartel em Alegrete, fazendo meu estágio do CPOR, ao final do qual – se não desertasse nem fosse expulso – receberia um canudo de papel que me credenciaria como segundo-tenente do exército brasileiro. E – meu terceiro motivo para servir à pátria - um dinheirinho, para comprar o violão di Giorgio que há tempo eu vinha namorando, na loja *Guitarra de Prata*.

Alegrete não é a mais insignificante das cidades, ali nasceu um poeta, e não o menor. Além disso, Alegrete é uma porta dos fundos, por onde você pode escapulir, caso necessário.

Eu estava indicado para oficial-de-dia do 25 de janeiro. Sob minha responsabilidade estaria todo o quartel: homens, armas, munição, cavalos, mantimentos. E não só o quartel, toda a cidade, ambos estavam em polvorosa. Polvorosa vem de pólvora. Ainda que fosse pólvora imaginária.

Na tarde do dia 24 o comandante do regimento me convocou, para me apresentar lá no seu escritório. Fiquei em sobressalto, pois não sabia o motivo. E, além disso, nunca nenhum

dos estagiários tinha sido convocado para ir lá no coronel. Me parecia que nunca o havia visto. E agora estava me convocando...

Meu serviço de oficial-de-dia começaria à meia-noite, eu receberia algumas chaves, inclusive da prisão, armas e sei lá o que mais. Depois passaria em revista os alojamentos, estábulos, arsenal, paiol, tudo em fim. E ficaria de plantão durante 24 horas.

- O que esse coronel quer comigo? Só falta o capitão Rodrigo ter feito intriga, por eu ser bom amigo do tenente Valter.

O capitão azucrinhava o Valter o tempo todo, queria ver ele no inferno. É que o Valter - um neguinho carioca puro coração - havia roubado a namorada do capitão. E, sempre que podia, saía para transar com ela, nos bancos de trás do seu Karmanghia.

Aquele capitão estava sempre me convocando, para jogar xadrez. Os capitães lhe convocam pessoalmente, para jogar no quartel mesmo.

Mas os que tem mais estrelas mandam ler a convocação de manhã cedo, em posição de sentido, na ordem do dia. A convocação vem sempre como um tenebroso mistério. Você tem que se apresentar uniformado lá na casa dele. Nunca diz que é para jogar xadrez. E você não pode recusar, é insubordinação...

Jogar xadrez dá - para fora, para quem não entende - uma auréola de inteligência, habilidades estratégicas... É o enfrentamento de dois exércitos, no plano intelectual... Um prato feito para o esnobismo de militares e políticos intelectuais, que também costumam fazer um charminho com o *Schaturanga*. Perguntem ao Helder. Ou ao Rochinha.

Um dia vou pedir indenização, por aquela tortura que me aplicaram, tantas vezes.

A pior coisa neste mundo, é ser convocado por um oficial graduado, para jogar xadrez. Em primeiro lugar, um bom jogador de xadrez nunca vai lhe convocar para jogar. Se você foi convocado, pode saber: ele é um *pixote* consumado, que quer afagar seu ego. Então, você tem que ir lá, conversar com o cara, e o pior de tudo, o mais difícil: passar a ele a impressão de que ele não joga tão mal.

Se você joga honestamente, massacra ele em poucas jogadas e ele fica furioso. Se você deixa ele ganhar, tá na cara: você está condescendendo, dando colher de chá ao patureba. Ele conhece seu próprio nível. Vai se ofender e é muito pior.

E não pense que é só uma partida. Se você deu azar, vai passar a noite inteira nessa tortura intelectual.

- Será que esse coronel quer jogar xadrez comigo, a essa hora?

Afinal, quando chegou o momento, fui me apresentar ao coronel. Entrei, bati a continência. Ele – sem me olhar – fez um gesto para eu sentar, ajeitou por uns momentos alguns papéis sobre sua mesa e começou a falar. Falou mais de uma hora, sem nunca olhar para mim. E sem que eu, em momento nenhum, abrisse a boca, eu estava ali só para escutar.

A primeira parte de sua arenga foi descrevendo sua participação ativa na revolução redentora de 64. Depois ele falou dos princípios que norteavam a nova ideologia das forças armadas. Devido a um fenômeno, que ele e outros da intelectualidade militar continental haviam, felizmente, percebido a tempo: estava desaparecida, praticamente, a tradicional *ameaça externa*; em lugar desta surgira o famigerado *inimigo interno*. Para ilustrar, começou a descrever um caso muito atual, ocorrido dentro daquele regimento. Um membro da família militar, que gozara da confiança e do apoio da instituição... Que fora observado com eficácia, – a sindicância conduzida sob a sua batuta – sua correspondência havia revelado as pistas necessárias... Agora ele ia receber o justo corretivo...

E se o coronel sabe ler meus pensamentos, pensei em pânico. E se ele deixa de olhar pra parede e vira pra mim seu olhar de urso furioso?

- Mas o momento que estamos vivendo agora, aqui, neste instante, transcende em gravidade tudo isso – resumiu o coronel.

E virou para mim, arreganhando os dentes num sorriso complacente:

- É verdade, o senhor ainda não dispõe dos dados mais recentes. Vou lhe pôr a par da atual conjuntura.

Então ele me jogou um olhar que teria feito inveja ao inquisidor Torquemada e me comunicou:

- O Capitão Lamarca, o renegado traidor... desertou. Ele fugiu com seus asseclas, num caminhão que roubou, cheio de armas e munição. Recebemos várias mensagens, revelando a suma gravidade deste momento. Nossa central de inteligência supõe que ele está se dirigindo para o sul, e tentará ingressar nos países do Prata, para engrossar o caldo da subversão.

E o coronel me fulminou:

- Este regimento, esta cidade, este país... estão nas suas mãos!

O número do Capitão é o 9.

9 é o número do planeta Marte.

Vermelho é sua cor.

Alguém está aí, a voz é conhecida.

Maya! Aí está Maya, sua pele está esverdeada...

Ele nasceu no dia 27.

$2 + 7 = 9$.

Mas também $27 = 3 \times 9$.

O Sol estava no terceiro grau de Escorpião.

Você recorda o que expliquei, seus regentes são Marte, o deus da guerra e Plutão, o deus da morte.

Olhe o desenho do signo, é um impulso que cai e se levanta, tres vezes. Na terceira a queda é maior, a flecha se enterra. Mas volta a subir, depois. Morte e ressurreição.

Acima de tudo, não é um signo intelectual. Possui a força da emoção, muito profunda.

Ele amou uma mulher de 25 anos. E de Aquário.

Nós sabemos que Aquário é a energia dos revolucionários, da vida que quer se renovar. Seu regente é Urano, descoberto no tempo da revolução francesa.

Na tarde do 24 de janeiro de 1969 o Sol estava no terceiro grau de Aquário. E Urano estava no terceiro grau do signo da justiça.

E Marte estava no décimo-terceiro grau de Escorpião.

O Capitão não podia mais esperar.

Esqueça todos os informes dos serviços de informação, eles nunca souberam nada.

Grande era sua ambição.

Mas, também, não era mais do que um instrumento, do grande plano invisível.

Quando foi morto pelos agentes, na caatinga, Marte e Urano haviam completado 12 graus, um em Aquário, o outro no signo da justiça. Não havia nenhum planeta em água, tudo era terra, ar e fogo.

O Sol estava com Plutão no signo de Virgem, que é a purificação.

Olhe o desenho, se parece ao outro.

Mas a flecha não volta a subir.

A vida de um herói começa depois de sua morte.

Primeiro a purificação, depois a ressurreição.

Agora você sente, ele está aqui.

Em dois dias é o seu aniversário, a Lua fará conjunção com o Sol, em Escorpião.

A fixidez do olhar do Lavechia, é dele.

Essa fosforescência vermelha em volta, é ele.

- Maya, me diz, quem...

Mas a visão foi se dissolvendo, em lugar dela apareceu o monstrengo. Pulando de um lado a outro, bradando em altas vozes:

- Que herói, que nada. Aqueles 17..., eles eram *la armatta Brancalone*. E o sapateiro tinha tudo para ser o velho Habakuk. Só que o Habakuk tinha um sonho: *molto dormire, molto mangiare, niente fare...* E aí é que está o detalhe: esse não era o sonho do Lavechia. Esse era o teu sonho!

Maldito monstrengo...

Nos meus primeiros tempos de Chile eu andava com um jovem poeta, que havia conhecido na comunidade de El Azul, no sul da Argentina. Andávamos como dois mendigos budistas, de um lado a outro. Mas sempre que havia um festival de música e folclore, íamos nos oferecer, pela comida e pousada. Cruzamos a pé a cordilheira dos Andes. Ele lia o Bhagavadgita, mas quando chegamos no Chile conseguiu de alguém o Rafael Barret:

O aspecto físico das coisas é o final de uma série, o ponto de chegada de uma degradação.

O real é invisível, em cada um de nós há um mundo secreto.

Para o que se assomou aos abismos do seu ser...nada há tão absurdo e repugnante como o esforço por acumular em excesso as energias exteriores. Aparece aqui a noção ruim de propriedade.

"Delícias e riquezas – dizia Sócrates à Antifon -, eis o que se costuma de chamar de felicidade. Quanto à mim, considero que, se bem só à Divindade lhe toque não necessitar de nada, necessitar de pouco nos acerca à Divindade."

Sinto que sou indispensável a um plano desconhecido e que devo entregar-me heròicamente.

Estou seguro que todos, ao começar a cumprir seu nobre destino, se reconciliam com a morte.

Descobrir a energia interior e entregá-la para renovar o mundo...

Como era bom precisar tão pouco para viver.

Como era bom viver o sonho da construção de um lugar mais livre e mais justo...

Um lugar onde o bem maior fosse a poesia...

Foi por lá que nasceu meu apelido. Eu costumava cantar uma música que escrevi, inspirado no Martin Fierro:

*Soa minha viola, só lamentos,
E o assunto assim pede
A quem com fome e com sede
Vai engolindo tormentos.*

*É triste deixar seus pagos
E se largar em terra alheia
Carregando a alma cheia
De angústias e estragos.*

*Me sai sem eira nem beira
Essa trova do infortúnio
Vou lhes dar um testemunho
Do que vivi na fronteira...*

E por aí afora, ponteando a milonga.

Nestes tempos, meu contato com brasileiros era nenhum.

O primeiro brasileiro que conheci no Chile foi o Nilton. O Orelhinha. (Conheci não, já o conhecia. Havíamos estado juntos certa vez, em Camboriu. Mas depois nos perdemos de vista.)

Eu havia acabado de descer o cerro Santa Lucia, ao lado do rio Mapocho, no centro de Santiago. Naquele cerro, Pedro de Valdivia fundou a cidade e lhe deu o nome que o conquistador sentia ser o mais próximo da sua aventura neste mundo, levado pelo Caminho das Estrelas.

Logo ao chegar embaixo divisei um rosto familiar, que também me olhou com atenção. Nos acercamos com curiosidade, nos examinamos mutuamente - neste exame ele venceu, eu andava muito andrajoso e calçava sapatos quatro números maiores, amarrados com barbantes aos tornozelos - nos apontamos o dedo e caímos na risada.

Fomos sentar no banco, lembrar de Camboriu, aquele barzinho na praia, aquela mulher tão linda cantando guarânias, com sua harpa paraguaia. Me contou da sua vida ali - ele chegou bem antes que eu - e me passou um exemplar do livrinho de poemas que havia publicado. Me ofereceu ajuda, olhando meus sapatos:

- Aparece lá no Pedagógico. Vamos fazer alguma coisa juntos.

No começo do inverno mataram o Nilton. Foi velado na sede do partido socialista.

Fizeram muitos discursos. O Taradinho estava lá, chorava muito. Nilton sempre declamava um poema, em que finalizava olhando para o público, estático:

- *O que é a liberdade?*

Quando será que a mãe do Nilton ficou sabendo?

Houve um tempo, em que este mundo era o reino da Grande Mãe. Mas agora é o reino da Velha.

Morrer? Não mais que dormir.

E um sono apenas,

Que extingue as angústias e a herança

Da nossa dor eternamente aniquila,

Sim, cabe ao homem suspirar por ele.

Em Santiago, ainda continuei vivendo nas ruas, por algum tempo. Depois resolvi me integrar em forma mais ativa ao processo de construção do socialismo. a partir dali passei a contatar os brasileiros.

Numa dessas, fui conhecer a Associação de Solidariedade Chile-Brasil, que ficava na *calle San Inacio*, se não me falha a memória. Àquelas alturas já me havia acostumado a usar a expressão *companheiro*, pois era uma espécie de senha, até necessária. Entrei lá e fui logo saudando de *companheiro* o encarregado da sala. Mas, por algum motivo, ele parecia ficar com o rosto mais amuado, cada vez que eu usava a expressão. Lá pelas tantas, ele não se conteve e me corrigiu com solenidade:

- *Companheiro não. Camarada.*

Talvez fosse gente do Partidão. Muitos ainda exigiam o uso daquela forma, mais antiga.

Por pura picardia resolvi perguntar a ele:

- Porque os stalinistas prendem e internam em manicômios aqueles que não concordam com seus métodos? Porque a Rússia se tornou um imenso Arquipélago Gulag?

Passou um tempo, e certa vez o pessoal do partido socialista chileno me convocou, para um *trabajo voluntario*, coisa que se havia tornado rotina, para mim. Era no sul, uma colheita de milho que se estava perdendo. Lá chegando, um *campesino* veio nos receber e o dirigente do grupo foi apertar a mão dele, sorridente:

- Buenas, *compañero!*

O camponês respondeu:

- Buenas! Mas... desculpe alguma coisa, aqui estamos acostumbrados a tratar-nos de *hermano*.

Yo tengo tantos hermanos,

Que no los puedo contar...

Bonita, a palavra companheiro. Tão bonita, que até os militares a usam, entre eles.

Ariel Gibramsalt me aconselhou:

- Não debes repetir demais a mesma palavra, para que ela não se transforme no seu oposto.

De fato, as vezes a gente fala demais e se repete.

Certa vez entrei em um micro-ônibus, com meu violão. Quando vi, veio sentar ao meu lado um homem, com aparência de operário. Foi logo puxando conversa, queria falar de música comigo.

- Fui ao concerto do Ravi Shankar. Ele deu muitas explicações, mas não nos interessavam.

Queríamos apenas sua música, *tan maravillosa*.

Agora eles já mataram o Victor. O Victor que me explicou a origem gótica da fala do *huaso*... O Victor da grande cabeleira encaracolada, das mãos suaves. Dos acordes menores de sétima...

No hay casa donde llegar,

Mi paire, mi maire están...

Sim... este era o meu sonho. Por este sonho eu vim ao Chile. Uma via pacífica ao socialismo. Pluralista e poética. Com vinho tinto, empanadas e muita música....

- Se eu fosse tão moço como você talvez também saísse pelos caminhos, recitando poemas.

Mas depois de 50 anos de acreditar num sonho pacífico e vendo a vida passar e ficar pior, cansei de esperar. Empunhei uma arma e fui lutar, pela causa do povo e contra a ditadura. Meu sonho passou a ser meu fuzil. Perdi tudo o que um homem pode perder. Mas aquele fogo que se acendeu em mim ninguém pode apagar, é ele que me sustenta. Agora quero cumprir meu destino, a morte não me assusta.

Lavechia falou e disse.

18

Afinal, são quantos os capitães do Brasil? Neste momento, só um: é o comandante morto do Sapateiro.

Neste momento, pondo em formação todos os capitães, do Chui até o Oiapoque, alinhando-os um por um na linha de Tordesilhas, com suas tres estrelas no ombro, o único rosto que eu vejo é o do Capitão. É o rosto daquele que em vida deixou seu rosto pelo caminho, para melhor seguir lutando por um sonho duvidoso. É o rosto sem rosto, do rosto que ainda não está pronto, que ainda está sendo forjado. Mas este rosto sem rosto está aqui agora, envolvendo o Sapateiro. Que o sonha a cada momento.

Todos os dias, quando amanhece, o Velho desce ao jardim, recolhe papéis, pauzinhos secos e faz um fogo. Depois fica olhando as chamas, seu rosto se põe mais vermelho. Ele fica ali sòzinho, lembrando os tempos no vale. E queimando os fantasmas da noite.

Um dia ele descobriu uns pneus velhos na garagem da embaixada, empilhou e ateou fogo. As labaredas subiram e incendiaram os ramos das árvores mais próximas, ameaçando pôr o jardim inteiro em chamas. Refugiados e funcionários acorreram alarmados, mas ele não deixava ninguém se aproximar, nos olhos um leve sorriso perverso.

Quando o fogo se extingue ele parece mais tranquilo e animado. A manhã avança, as pessoas vão saindo, alguém monta na forquilha da árvore maior e fica espiando a cidade, por sobre os muros.

(No começo isto não era possível, ficávamos todos confinados nos salões, devido aos helicópteros que sobrevoavam e metralhavam, lá de cima. Mas depois os helicópteros foram dormir e os funcionários abriram a grande porta de vidro, que conduz ao jardim, nos fundos da embaixada. A primeira coisa que aconteceu foram os Jogos Pan-americanos, futebol naturalmente. Como árbitro, foi designado o Sapateiro. É que ele possuía um sarrafo, para punir as infrações, isso é melhor do que apito.)

Numa destas manhãzinhas me aproximei do Velho, lá no foguinho. Ele não prestou atenção à minha chegada e continuou fazendo exercício de tiro com seu sarrafo, desferindo disparos imaginários. A embaixada ainda dormia e havia um grande silencio, só se escutava o crepitar dos pauzinhos queimando. Então se ouviu, lá fora, um matraquear curto, de metralhadora. Depois, uma voz cavernosa, saída de um alto falante, deu um ultimato. Era um *allanamiento*. E numa janela, no alto de um edificio vizinho, começou a aparecer um lençol, que mãos escondidas faziam escorrer lentamente para baixo e ali ficou pendurado, como bandeira branca.

Lavechia deu um tempo, depois virou para mim e confidenciou:

- O pessoal fica me gozando, porque eu ando sempre com este sarrafo na mão. Eles nem desconfiam. É o meu fuzil. Foi presente do Capitão. E logo, logo vai estar de aniversário.

Ele ainda me fitou sério, por um momento. Depois sorriu malicioso e piscou o olho. Eu assenti com a cabeça:

- Eu sei. E você..., você é Cid, o Campeador – falei, brincando com ele.

(Estava lendo o *Poema de Mio Cid* - uma epopéia da Espanha medieval – que alguém me havia emprestado.)

Lavechia me olhou, intrigado.

- Chidi, il mio Chidi, il Campeadore!, insisti num arremedo de italiano.

Então seu olhar ficou triste e ele se afastou.

O Velho me ajudou a colocar bigodes na garotada.

Meu cabelo estava demasiado longo. Consegui uma tesoura e um espelhinho e fui lá prum canto do jardim, comecei a podar minhas madeixas. Não demorou muito e estava cercado de meninos e meninas, que me observavam curiosos. Ernestinho perguntou:

- Gaúcho, porque você está cortando seu cabelo?

- É para mudar minha aparência... Assim eles não me pegam. E se você quiser, lhe ponho um bigode, pra você se disfarçar também.

Apanhei uma porção de cabelo cortado e segurei debaixo do nariz dele, fiz ele olhar no espelhinho. Ernestinho ficou assanhadíssimo.

Aí o Sapateiro foi lá na cozinha, falou com Moncada e dali a pouco estava de volta, com um copinho cheio de grude. Eu havia terminado de cortar meu cabelo e pusemos mãos à obra, grudando bigodes de todos os tipos na garotada. Eles pulavam e gritavam de excitação. Até as meninas ficaram bigodudas.

De todos, o que melhor ficou foi o de Carlinhos: longos, escorridos para baixo, um perfeito Fu Manchu.

As crianças refugiadas correm inventando brincadeiras, o Velho brinca e disputa com elas. Ontem elas invadiram os canteiros de flores, na frente da embaixada. Ele foi junto, foram comer as rosas. O embaixador desceu aos gritos.

Ali pelo meio-dia ele vai ficando bem manso, vai se aproximando de quem está com sapatos, pede para examiná-los, com uma expressão maternal.

19

Pequeno teatro do absurdo

Em virtude da Portaria Ministerial do dia 10 de setembro de 1973 me foi conferida a Carta Patente de Oficial do Exército Brasileiro. Naquele dia eu passei na casa da Maya, que vivia perto do Parque Forestal. Fui pedir-lhe que interpretasse meu sonho recente: eu havia sonhado com duas serpentes, copulando em posição vertical. Sócrates já estava na Inglaterra, em busca de reforços. Sua equipe estava instruída, para encetar a nova fase, com o novo computador, no La Moneda.

No dia seguinte, 11 de setembro, os militares jogaram as bombas destruindo o palácio do governo, com o presidente dentro.

No dia 22 de setembro consegui driblar a guarda dos carabineiros e me asilei na embaixada argentina.

No dia 7 de outubro, à noite, houve um forte e longo terremoto no Chile, que fez ranger as paredes da embaixada, como se fossem os dentes do monstrengo. As pessoas despertaram aterrorizadas, gritavam e queriam fugir para o jardim, mas a grande porta de vidro ainda permanecia fechada.

No dia 8 de outubro o Ministério do Exército, Comando do I Exército, - 2ª seção – distribuiu um *Confidencial* por todo o Brasil pedindo minha *prisão e captura*.

No dia 9 de outubro o Diário Oficial publicou a Portaria Ministerial, que me promoveu a oficial do nosso exército.

Somente décadas mais tarde, quando a ditadura já tenha entregue os pontos, irei ao quartel-general, na rua da Praia. Lá me atenderá uma mulher simpática. Explicarei meu caso, ela me dará as costas com muito *donaire* e caminhará até um armário que destoa de tudo ali, parece uma reliquia de outros tempos. Abre, tira de lá um canudo de papel amarelado e me entrega, sorrindo:

- Estivemos esperando por você, todos estes anos. Aqui está seu diploma de segundo-tenente do exército brasileiro.

20

Lavechia cochilou. Daqui de onde estou vejo ele, num plano mais baixo, pendurado como uma arara, nas suas duas cadeiras.

Sei que ele cochilou, pois aí vem o monstrengo, fica adejando sobre mim.

Agora veio disfarçado de eunuco. É o grande Euzébio, que maneja as intrigas do Império, no século IV. Vem com suas imensas pálpebras artificiais, seu eterno muxoxo. Me cochicha com voz melíflua:

- Você lembra de tudo. Eu organizei o assassinato dos dois imperadores, é certo. Mas porque Juliano não veio conversar comigo? Nós dois teríamos feito uma grande parceria... Você sabe, o mundo é um imenso manicômio. Você está cercado dentro destes muros... Há loucos e há terapeutas. O difícil é saber quem é quem... A loucura não vem a nós, como eu venho a você, como eu vou ao Sapateiro. Ela sai de dentro de nós... Inatingível é o belo para todas as vontades impetuosas... A loucura é a cúpula do herói com a poesia...

- Euzébio! Que podes tu saber, da cópula universal?

O eunuco recua amedrontado, piscando as grandes pestanas postiças, tremendo o muxoxo.

- Diz alguma coisa que preste. Quem de nós acalenta o maior dos sonhos?

O monstrengo foge, voando, vai se esconder na ala esquerda, na escrivaninha do *encargado de negócios*, entre as fichas dos refugiados.

- José Lavechia! Romano! Acorda!

- Chidi?

Na escuridão, envolto por uma fosforescência vermelha, o enorme ôlho injetado olha para mim.

- Como é possível que você, depois de passar cinquenta anos pregando sola de sapato, depois de já haver deixado para trás sua juventude, decide ir para o mato, com aquele punhado de jovens?

(O papel está no bolso da camisa, e eu penso com meus botões: deste casamento só pode sair um filho do monstrengo.)

- Sapateiro, qual é o seu número, em que dia você nasceu?

Velho é de pouca conversa. Está muito ocupado em observar. Porém, certa vez me falou daquele sentimento, de estar lançando a semente do glorioso exército guerrilheiro. Me descreveu o calor da solidariedade, naqueles momentos ao redor do fogo:

- Companheiro, em tres dias festejo meu aniversário.

E aqui te trago um presente, teu fuzil.

21

Se nas noites o piano de cauda abriga minhas visões insones na ala San Martín, pelas manhãs ele inverte sua função. Sempre ali por volta das nove horas vem o Sergio e deita seu bebê sobre a tampa do piano, para limpar e trocar as fraldas. Ele é jornalista e está sendo

procurado lá fora, para morrer, devido à sua atuação política. Furou a vigilância dos carabineiros e entrou correndo na embaixada, com a bolsa numa mão e na outra a filha recém-nascida apertada contra o peito. O piano nos aproximou, nos tornamos amigos.

Certo dia quis tomar uma ducha, fui lá na outra ala, subi a escadaria que leva ao banheiro, no segundo andar, mas estava ocupado. Fiquei esperando e, quando a porta abriu, saiu o Sergio, com seu bebê embrulhado numa toalha. Ele estava em cueca, de cetim... Mas não era cueca, era calcinha de mulher... Caí na risada e perguntei na lata:

- *Eres gay?*

Ele também riu, meio triste. Me contou, ao escapar por um triz do comando militar que veio capturá-lo, só teve tempo de agarrar um punhado de roupa posta a secar, junto veio a calcinha da mãe do seu bebê, desaparecida durante o golpe militar.

Quando entramos aqui, os funcionários nos receberam solidários, prometendo asilo para todos em seu país.

De um dia para o outro todo o pessoal da embaixada foi trocado: Perón voltava do longo exílio na Espanha e a política argentina guinou para a direita. Os novos funcionários fazem cara feia e nos pressionam:

- Só receberá asilo quem fôr chileno ou tiver família na Argentina. Todos os outros devem agora já fazer sua opção para um outro país e escrever o pedido de asilo. Nós podemos servir de ponte, na tramitação. Enquanto não vem a resposta vocês ficam aqui, tomando sopa e catando piolhos...

A metade dos refugiados considera que a luta está provisoriamente perdida, o melhor a fazer é buscar abrigo em algum país do velho mundo. Mas a outra metade quer resistir, não aceita a pressão dos funcionários:

- Eles querem nos afastar do continente. Devemos lutar pelo asilo na Argentina, para todos.

Eu também quero ficar na Argentina, Buenos Aires é uma linda cidade, cheia de música.

Ó indesejáveis...

Qual o país que desejais?

Na minha geografia existe apenas

Perdido no mar o cabo Não.

O Velho me explicou:

- Também no Chile a solidão me atormentava. Só conseguia alívio quando me perdia no meio do povo, nas marchas de solidariedade e nas festas. Mas asilo na Suécia não é pra mim. Vou para 55 anos. Viver naquele frio, ter que aprender aquela língua, ficar ainda mais só... Se aqui é difícil, lá enlouqueço de vez...

E na Argentina está o exército revolucionário do povo...

22

Minhas retinas exaustas perderam a esperança de dormir. E já nem espero a luz do dia. Até o monstrengo já voa sem forças, na escuridão, jogando seu negro pólen de loucura nos olhos dos refugiados insones...

- *Lavechia...* eu sempre fui de paz... Na pracinha da minha cidade tinha uma pedra, nela estava escrito: *violência gera violência, só o amor constrói para a eternidade...*

- Não fui te chamar para a luta armada, pra isso tem outra gente melhor. Fui te procurar com meus versos. Você não percebeu? Foi um dos poucos momentos em que andei sem meu sarrafo.

Tudo está parado. Até a fosforescência do Sapateiro se diluiu.

Deve estar amanhecendo, um dia que já nasce exausto, a julgar por esta pálida luminosidade que vem ao meu encontro.

Não... É o Ariel no seu lençol branco, quer me dizer algo.

- Aqui se acaba um tempo, com suas grandes visões.

É a hora e a vez do chumbo festejar sua orgia de sangue, na noite do continente. Só que o espírito militar é tão inerte e infecundo como esse metal, que hoje lhe dá o poder. Ele não produz bens nem cria o novo. E ficará marcando passo, enquanto a vida for se renovando, como é inevitável.

]Outras gerações virão, e a essência das melhores idéias, aqui sepultadas, se revelará mais forte do que todas as armas. Essa semente vingará e dará frutos. É isso o que resta, para levar. E a cada um lhe toca viver sua aventura, no tempo que vai começar.

Mas de todos vocês, fugitivos insones, Lavechia é o mais acossado. Acossado pelos homens do chumbo, acossado pelos fantasmas, pela velhice, pela solidão, pela incompreensão... Para ele brilha apenas uma última luz...

- Ariel..., você não leu o que ele escreveu?

Agora que todos os sonhos duvidosos já foram queimados, torturados, fuzilados, bombardeados, o Lavechia anuncia que vai sentar praça no ERP. E comunica que, ali das suas duas cadeiras, ele vê o destino que espera os que abandonarão o continente, voando para longe. E quer que eu festeje com ele - na sua fogueira solitária, feita do fogo das sombras - o aniversário da sua entrada na luta armada.

E promete continuar a luta. Mesmo só, apesar de tudo e de todos. Ele rima *querido Brasil* com *fuzil*. Ele carrega seu fuzil por todo lado. É um sarrafo.

- É certo. Ele é o deslumbrado que, depois de velho, foi acender uma fogueirinha lá no vale com outros sonhadores, muito mais jovens. Como foi luminoso o sonho, enquanto durou...

Porém, antes disso ele é o sapateiro, que vai percorrer as ruas de Buenos Aires com teus sapatos na mão, buscando um *taller* para consertá-los.

Ele não fica discutindo e discursando com os intelectuais de esquerda. Ele foi lá nas primeiras reuniões, escutou um pouco aquela verborragia e foi embora. Para ele a palavra serve a outros desígnios.

O João Aquino não te ensinou, lá no museu dele, ao lado das grandes salinas do Ceará? A poesia é o que está no começo de tudo, no primeiro palpitar da vida. A palavra poesia vem do fenício e significa: Deus. Ou a voz de Deus.

Quando um homem deixa de ser um robô obediente e se insurge contra os donos da vida e da morte, quando um homem se enfrenta com Deus e com o Universo, ele se converte em poesia.

Assim ele te procurou, como um poema desvairado. Ele te trouxe a letra, para que insufles nela o sopro vital, que só a música pode dar. É uma canção de guerra, sim. É uma canção desesperada, sim. Mas encerra um sonho de liberação, que também é o teu sonho.

Talvez seja a última canção dele... Talvez seja a última tua...

De repente o monstrengo se excita e voa eriçado sobre mim, como um enorme escorpião enfurecido:

- Que ridícula mentira essa parceria da desgraça e da debandada. Você, claro, é dos que não querem abandonar o continente. Quer ir pra Argentina sim, como o Lavechia. Mas o Lavechia quer ir lá para lutar de arma na mão. Você não. Nunca lhe interessou a luta armada. Você está sonhando com morar em Buenos Aires, conseguir um trabalhinho numa boate, ou qualquer casa noturna e ficar de papo pro ar. Aprendendo tangos...

Esse é o teu sonho!

Profeta ou o que quer que sejas!

Ave ou demônio que negrejas!

Ou venhas tu do inferno,

Onde reside o mal eterno

Ou simples náufrago escapado

Venhas do temporal que te ha lançado

Nesta casa onde o horror, o horror profundo

Tem os seus lares triunfais!

Silencio!

Na escuridão, de repente, se ouve uma voz clara, um gemido.

É a menina Janaína. Ela fala dormindo e diz:

- *Mi mamãe no...*

Ela mistura as linguas.

Ela tem medo que levem a mãe.

O pai levaram, nunca mais apareceu.

Silencio na noite da embaixada argentina.

Silencio en la noche,

Ya todo está en calma...

Mas o monstrengo vem de novo, com seu enorme ferrão:

- Você agora está todo enminhocado. E fica se consolando com restos de velhos poemas, que a ninguém mais interessa. O seu caminho não tem mais volta. Tudo aquilo que era seu mundo deixou de existir. Você está só. Você está terminado. Você é um perdedor. Você...

Naquele instante um raio de sol atravessou as vidraças do salão de festas e fuzilou o monstrengo, em pleno ar, como o tiro que derrubará Sergio de cima da forquilha, algum tempo depois. Outros raios se juntaram e o corpo do monstrengo foi se desfazendo. Fiquei olhando extasiado aquelas partículas se enroscando umas nas outras, dentro do fluxo luminoso.

Já não existiam pensamentos nem lembranças, apenas a vaga intuição de um momento distante, lá atrás, quando a vida apenas começava.

Devagarinho, peguei meu violão. Fui inventando uma melodia, bem baixinho.

A luz do sol da manhã já alcançava os colchões e se insinuava, como lentas serpentes luminosas, entre as centenas de corpos espalhados pelo chão.

Olhei para o lado do poeta-sapateiro-guerrilheiro, ele estava olhando para mim.

Pouco depois descíamos, para a fogueirinha no jardim. E pouco depois o menino Moncada gritava lá de baixo – com uma voz que parecia a claudicante trombeta do Juízo Final - que o café estava pronto e havia pão fresco.

23

Saímos da embaixada no dia de finados. (Gosto desta palavra, ela é fina.) Dito de outra forma, no dia dos mortos deixamos a Casa dos Mortos. (Os militares chilenos exigiram que os argentinos evacuassem aquele lugar, o mau cheiro se havia espalhado por todo o mundo.)

Caminhamos através de um corredor formado pela dupla fileira de soldados com suas armas em riste, entramos no ônibus e ele foi rodando lento pelas ruas de Santiago. Era como uma cidade abandonada, tudo deserto, apenas se moviam alguns papéis, no vento. Ali estavam os escombros do palácio La Moneda. E um pouco mais adiante, a vala do metrô em construção, aquela ruína que havia sido minha casa, com o Nica.

Fomos revistados pelos militares chilenos, no aeroporto de Pudahuel, antes de que nos permitissem entrar nos aviões argentinos, que nos levariam ao outro lado da cordilheira dos Andes.

Em certo momento fiquei apreensivo, procurei o Sapateiro. Eu temia que o Velho fosse se jogar em cima dos uniformados. Mas eram as horas em que ele ficava manso. E ele havia deixado para trás seu sarrafo.

Íamos magros e maltrapilhos na fila, e nem havia muito que revistar. No entanto, ao abrir minha mochila, o oficial chileno agarrou a primeira coisa que encontrou: um caderno grosso, que continha poemas, canções, reflexões de todo o tipo, que eu havia escrito naquele confinamento na embaixada.

Ele quis saber do que se tratava o que ali estava escrito. Aparentemente não dominava a língua portuguesa, mas havia compreendido alguns fragmentos e exigia explicações da minha parte.

Na minha semissonolência, só atinei com responder que eram fantasias poéticas. Fariam parte de um livro que eu pensava escrever. Não sei se fiz bem ou fiz mal.

O militar chileno fechou o caderno, me deu as costas e foi depositá-lo numa prateleira que havia junto à parede da sala. De lá ele ficou me olhando, triste e para sempre inalcançável.

- Por favor me devolva o caderno – pedi em castelhano.

Como resposta ele me fez um gesto de mão, me mandando agarrar a mochila e circular, rumo ao avião.

- O caderno me pertence, o senhor não tem o direito de ficar com ele – protestei.

O capitão, de óculos escuros e bigodinho fino, já estava revistando o seguinte da fila.

Minto, o seguinte da fila só vinha com a roupa do corpo e já havia passado. Era Sanjines, um boliviano, de quem fui padrinho de casamento, dois meses depois, na Argentina: toquei a Marcha Nupcial no violão. E o Romance Andaluz, que ele adorava.

- É o meu romance, quando estiver pronto posso lhe mandar um exemplar! -, insistí, num tom de provocação.

O capitão estacou, com algumas peças de roupa íntima de uma refugiada na mão e foi virando o rosto na minha direção, me jogando um olhar que não prometia nada de bom.

Por um momento tudo ficou quieto, na expectativa.

Então Sanjines me chutou os pés e me empurrou, quase me derrubando, enquanto cochichava:

- *Camina Gaucho...* Pensa que dentro de algumas horas vamos estar livres.

Na verdade, tive sorte. Perdi um caderno com tudo o que havia escrito ali, mas escapei com vida. A Sergio negaram o salvo-conduto e teve de permanecer lá. Algum tempo depois, na Argentina, nos chegou a notícia da sua morte: ele foi abatido a tiros, dentro da embaixada.

Além do mais, com todo o teatro que se armou no meu protesto, o capitão se distraíu e não revistou o resto da mochila. E de fato, debaixo do caderno que ele surriprou havia apenas algumas peças de roupa. Mas debaixo da roupa havia quatro outros cadernos e um sem-número de papéis avulsos com escritos, entre os quais um portrait meu que o Sanjines havia feito na *Peña de la Lavanderia*, com a dedicatória: *Para una amistad en un mismo afán*.

E aquele papel que José Lavechia me passou, junto com aquele olhar.

24

Muitos anos se passaram, depois daquela madrugada, em que o sol penetrava em Escorpião.

Já faz tempo que meu parceiro partiu para o reino da *Velha*. Ou foi partido.

Eu caminho nessa direção, mas sempre gostei de lentidão, nas minhas coisas.

Quando por fim chegue lá, talvez nos encontremos.

Talvez até nos lembremos, que já estivemos mortos antes.

E da nossa morte nasceu uma canção.